

A MESA DA GRAÇA NO EVANGELHO DE LUCAS: O PUBLICANO E O ZELOTE

Joel Marcos Arruda de Lima¹²

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo fazer uma análise da pluralidade da mesa da Graça na perspectiva de Lucas, buscando, para isso, aprofundar o motivo pelo qual Jesus faz questão de reunir à mesa pessoas tão antagônicas e com interesses paradoxalmente irreconciliáveis, como um zelote e um publicano. A metodologia utilizada para este fim foi hipotético-dedutiva, fazendo o levantamento bibliográfico sobre o tema, tendo como base principal o texto bíblico, além de um apanhado sócio-histórico sobre o assunto, observando e descrevendo situações ou comportamentos de diferentes personagens à mesa com Jesus. A conclusão da investigação direciona ao entendimento de que Lucas, influenciado pela lente de Paulo, intencionalmente escreve um Evangelho Universal que busca enfatizar que a redenção do sangue da nova aliança é para todos e todas, indiscriminadamente. A presença de Simão, o zelote, juntamente com a de Mateus, o cobrador de impostos, sentados ao lado, juntos à mesa de Cristo, é a expressão mais provocante de que, no Reino Deus, as barreiras que nos separam precisam ceder lugar à reconciliação do banquete da Graça. Portanto, a politização contemporânea no Brasil e a busca de partidarizar a mesa de Cristo como sendo de “direita” ou de “esquerda” - excluindo o lado oposto - é uma ofensa ao sangue da nova Aliança e um desserviço ao Evangelho universal e abrangente do Reino de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Mesa da Graça; Reconciliação; Zelote; Publicano; Evangelho Universal.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the plurality of the table of Grace from Luke's perspective, seeking to understand why Jesus makes a point of gathering at the table such antagonistic people with paradoxically irreconcilable interests, such as a zealot and a publican. The methodology used to this end was hypothetical-deductive, doing a bibliographic survey on the theme, having as its main basis the biblical text, besides a social-historical overview on the subject, observing and describing situations or behaviors of different characters at the table with Jesus. The conclusion of the investigation leads to the understanding that Luke, influenced by Paul's lens, intentionally writes a Universal Gospel that seeks to emphasize that the redemption of the blood of the new covenant is for everyone, indiscriminately. The presence of Simon the zealot, along with that of Matthew the

12 Graduação em Bacharel em Teologia pela Faculdade Latino Americana (FLAM).

tax collector, sitting next to, together at Christ's table, is the most provocative expression that in the Kingdom God, the barriers that separate us need to give way to the reconciliation of the banquet of Grace. Therefore, contemporary politicization in Brazil and the quest to partisanize the table of Christ as being either "right" or "left" - excluding the opposite side - is an offense to the blood of the new Covenant and a disservice to the universal and comprehensive Gospel of the Kingdom of God.

KEY-WORDS: Table of Grace; Reconciliation; Zealot; Publican; Universal Gospel.

INTRODUÇÃO

Em tempos em que cada vez mais aparecem interpretações tendenciosas buscando encaixotar o *Logos* como pertencendo ao Grupo A ou ao Grupo B, servindo aos interesses da esquerda ou da direita política e excluindo o lado oposto, este artigo tem por objetivo apresentar a necessidade urgente de retornarmos ao solo do primeiro século da Galileia e vislumbrarmos, nos diferentes perfis sentados à mesa com o Messias, a pluralidade da mesa de Jesus, mesa esta que é genuinamente suprapartidária e reconciliatória.

Trata-se de uma mesa que não é meritocrática ou segregacionista, não é dualista ou separatista, é, pelo contrário, a revelação plena da graça de Deus, que derruba muros, constrói pontes e convida todos e todas a sentarem-se juntos e comerem no banquete do Reino de Deus.

Para essa empreitada, a fim de perceber a pluralidade da mesa de Jesus, seguirei os passos do médico e historiador Lucas, reconhecendo-o como o escritor que melhor capta a dimensão universal e abrangente do Reino de Deus. No Evangelho de Lucas, é nítida a reaproximação dos doentes, dos impuros, das mulheres e crianças, dos maltrapilhos e segregados à condição de filhos e filhas amadas de Deus. Todos convidados, o tempo todo durante o ministério terreno de Jesus, a comerem do pão e beberem do cálice da salvação.

É importante notar como o convívio e a caminhada com Paulo influenciou Lucas a construir em seus relatos a cultura da graça e a consciência de que a missão da *ekklesia* perpassa as barreiras nacionais judaicas e vai de encontro aos maltrapilhos da Lei (At 1.8). Desse modo, ao rememorarmos a sua caminhada ao lado de Paulo, o apóstolo da Graça, poderemos compreender a dimensão de amor da mesa de Cristo presente nas lentes de Lucas.

A busca por entender que a mesa de Jesus é plural e nada previsível pode nos mostrar a expressão da multiforme graça de Deus que alcança desde ricos a maltrapilhos, de guerrilheiros que lutam contra o Império Romano a funcionários desse mesmo Império. Levi, o publicano, e Simão, o zelote, são um nítido contraste e, ao mesmo tempo, um exemplo claro disso, pois ambos possuem lugar à mesa com Jesus, mesmo sendo pessoas tão distintas e vivendo em contextos tão antagônicos. Afinal, Cristo não é partidário, não pode ser encaixotado nos tabernáculos das ideologias humanas, pelo contrário, Ele

convida todos ao seu Reino de amor e nos faz perceber (enquanto estamos assentados à mesa) o quanto somos, igualmente, carentes da misericórdia de Deus: “Vinde todos! É chegado o Reino de Deus!”.

LUCAS: UM EVANGELHO PERMEADO PELA ÓTICA DA GRAÇA

O Evangelho de Lucas apresenta Jesus não somente como o Messias prometido por Deus ao povo de Israel, mas também como o Salvador de toda a humanidade. Diferente de Mateus que traça a linhagem de Jesus apenas até Abraão (ligando a narrativa aos judeus), Lucas, intencionalmente, traça a lista dos antepassados de Jesus até Adão (Lc. 3.23-38), nome de origem hebraica, *Adam*, que significa, literalmente, humanidade, englobando toda linhagem humana. Lucas, propositalmente, demonstra, em seus relatos, o desejo de que os gentios se identifiquem com a sua história e se percebam o tempo todo nela.¹³

O escrito lucano enfatiza o trabalho de Jesus na Galileia, onde ele ensina multidões, faz milagres, cura doentes, expulsa demônios. Este Evangelho salienta o amor de Jesus pelos pobres e oprimidos, gente humilde e desprezada, tal como os publicanos no contexto sociopolítico da ocupação romana da Judeia e muitos latino-americanos do nosso tempo. A esse respeito, o historiador, biblista e teólogo argentino, Pablo A. Deiros (2021, p. 56), escreve:

Lucas se ocupa menos do Messias do Antigo Testamento e mais no Salvador de toda humanidade, que atende as necessidades de todo o mundo. Repetidas vezes, mostra que a salvação e o perdão são oferecidos a todos e que qualquer ser humano tem livre acesso a eles, independentemente dos privilégios de nascimento ou de posição política, econômica, social ou religiosa.

Um dos textos mais importantes na introdução de Lucas ao ministério de Jesus destaca a consciência de Cristo em ser a personificação viva da esperança de toda humanidade, outrora pré-anunciada em Isaías 61.1, 2, texto que Jesus lê na sinagoga de Nazaré antes de começar a sinalizar publicamente sua missão e obra:

Jesus foi para a cidade de Nazaré, onde havia crescido. No sábado, conforme o seu costume, foi até a sinagoga. E levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor... E ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir.” (Lc 4.16-21)

13 HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico de Lucas**. Londrina, Ed. Penkal, 2022.

Nitidamente, Lucas traça a narrativa sobre a vida de Jesus apresentando a natureza de sua missão voltada aos oprimidos e doentes. Ultrapassando a lógica nacionalista e limitada de expectativa messiânica que os judeus egocentricamente possuíam, Lucas aponta para uma graça que contempla os gentios e todos os pecadores. Nesse mesmo capítulo, Jesus nos lembra que haviam muitas viúvas judias em Israel no tempo de Elias, contudo Deus escolheu usar a viúva de Sarepta, da região de Sidom, uma estrangeira, a fim de manifestar sua provisão. Ainda, sob o mesmo prisma, ele reforça que havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, mas Deus, em sua imprevisibilidade, contrariando as expectativas nacionalistas judaicas, escolheu revelar sua glória por meio de Naamã, o sírio.

Com isso, intencionalmente, Lucas está demonstrando que, no Antigo Testamento, Deus desejava salvar não apenas judeus, e sim toda humanidade, o que inclui forasteiros, estrangeiros, gentios, samaritanos, maltrapilhos, romanos, inimigos, ladrões e até publicanos, amplamente odiados pelos judeus.

Ao lermos cuidadosamente as linhas do Evangelho de Lucas podemos notar que ele enfatiza as narrativas que se passavam à mesa. Em cada página do escrito lucano Jesus está sentado, fazendo refeições diárias ao lado das pessoas mais improváveis para um judeu ter contato. Isso ganha amplitude ainda maior quando descobrimos o valor da mesa no contexto do Oriente:

Precisamos entender o que significa sentar à mesa para a cultura oriental. A mesa representa um lugar de comunhão. É um lugar de compartilhar não apenas uma refeição atendendo a uma necessidade básica do instinto de sobrevivência, mas também do dia a dia. Um lugar que se compartilha a intimidade atendendo a necessidade relacional do ser humano gerando um ato livre de relacionamento com o mundo (...) No Oriente, até hoje, convidar um homem para uma refeição é uma honra. É uma oferta de paz, confiança, fraternidade e perdão; em suma, compartilhar de uma mesa significa compartilhar da vida. (ASSIS e DAMACENA, 2020, p. 193)

Conscientes dessa valorização da cultura da mesa nos dias de Jesus, podemos perceber o porquê, em cada história que se passa na narrativa lucana, o Messias está envolvido e sentado à mesa com gente desprezível e rotulada como impura, sim, é com esses e essas que o Verbo encarnado passa maior parte do seu tempo no chão da Galileia, e Lucas faz questão de destacar isso a fim de apontar para um Evangelho inclusivo e universal, o que para um judeu do primeiro século era algo nitidamente inapropriado e escandaloso diante da tradição rabínica.

É interessante perceber que Jesus, consciente de que a mesa está no centro da vida e das relações humanas, compara o Reino dos Céus com um banquete (Mt 22.1-14). Nos ensinamentos de Cristo, podemos notar que a comunhão de mesa prefigura o Reino de Deus. O Verbo encarnado dedicou um bom tempo de sua missão sentando com

diversas pessoas, isto por si só é sinal de que a comensalidade é central nas boas novas que o cordeiro de Deus buscou anunciar. Lucas foi sensível ao captar e aprofundar essa centralidade da mesa de Jesus com a diversidade expressiva de pessoas.

Entre os fatores que melhor descrevem essa lente inclusiva tão específica no Evangelho de Lucas, e o olhar amoroso que ele tem ao descrever os encontros de Jesus com os improváveis daquela época, destaca-se o fato de Lucas ter sido companheiro de Paulo em missão aos gentios. O apóstolo do Amor fez um discípulo do amor. Nas palavras de Eusébio de Cesareia lê-se:

Lucas, oriundo de Antioquia por sua linhagem de médico de profissão, foi durante maior parte do tempo companheiro de Paulo. Mas seu trato com os outros apóstolos também não foi superficial: deles adquiriu a terapêutica das almas, da qual nos deixou exemplos em dois livros divinamente inspirados: o Evangelho, que ele confessa ter composto segundo o que lhe transmitiram os que foram testemunhas oculares e se fizeram servidores da doutrina, dos quais ele diz que seguiu já desde o começo, e os Atos dos Apóstolos que compôs, já não com o que tinha ouvido, mas com o que viu com os próprios olhos. (2021, p.79)

Essa tese também foi defendida por Ireneu de Lyon, onde ele destaca:

O próprio Lucas afirma claramente que era inseparável de Paulo e que colaborou com ele na pregação do Evangelho: e isso não por vanglória, mas por ser a verdade. De fato, depois que Barnabé e João, chamado Marcos, se separaram de Paulo e partiram para Chipre (Atos 15.39), Lucas afirma: “desceram a Trôade” (Atos 16.8) [...] O restante das atividades de Paulo são narradas em ordem cronológica, assim mostra que Lucas estava sempre na companhia de Paulo e era inseparável dele. (LIÃO, 1995, p. 533)

Lucas caminhou ao lado daquele que lutou e defendeu a causa dos gentios, afinal foi Paulo quem insistentemente defendeu o direito dos gentios em sentar-se à mesa com judeus, ainda que para isso precisasse ousadamente repreender Pedro (Gl 2.11-14) por estar se esquecendo dos passos e dos ensinamentos do Rabi, que não fazia distinção entre judeus e gentios, mulheres e homens, pobres ou ricos, antes insistia que todos sentassem juntos, de igual modo, no banquete da graça de Deus (Gl 3.28).

Uma vez influenciado pelo seu mestre, Paulo, que ensinava sobre a graça e o amor, Lucas enfocou nos aspectos do ministério de Jesus em que se desvelou a compaixão pelos pecadores e improváveis: seu Jesus é um pastor e médico gracioso, que intercede e come com doentes, perdidos e pecadores só para revelar o Reino de Amor.

É curioso como algumas passagens que enaltecem gentios, maltrapilhos e improváveis só aparecem em Lucas, como por exemplo a parábola do “bom samaritano” (Lc 10.25-37), cujo protagonista e herói pertence a um povo odiado pelos judeus. E, também, a tão famosa parábola do “filho pródigo”, que nitidamente enfatiza os maltrapilhos ao destacar

o filho perdido como convidado de honra do banquete de amor, ao passo que o irmão mais velho, religioso e orgulhoso de si, evita sentar-se com o pecador que retorna ao lar e, dessa forma, se posiciona em resistência ao banquete da Graça.

Ambas as passagens, dentre tantas outras que seguem o mesmo prisma, só podem ser lidas no Evangelho segundo Lucas. Isso porque Lucas escreve e destaca histórias com a lente da graça já bem definida em seu coração, investigando histórias de testemunhas oculares a fim de construir uma narrativa sobre a vida do Jesus dos oprimidos. Certamente, as testemunhas oculares não contavam relatos frios e desprovidos de vivacidade, antes, em cada entrevista, Lucas ouve gente de pés descalços e coração quebrantado, que tiveram a vida integralmente transformada pelo encontro e partilha à mesa com o Nazareno. O partir do pão ao lado do Messias havia conectado pessoas das mais variadas situações, com relatos cheios de vida, emoções e graça.

Vasculhando as páginas desse Evangelho, tão amoroso e inclusivo, que destaca os pequenos e dá voz às mulheres, que honra o estrangeiro e cita a fé de um centurião romano, deparei-me com a mesa de Jesus, plural e diversa. Não é possível rotular a mesa de Cristo como pertencendo a um grupo ou outro, de esquerda ou de direita, conservadora ou liberal, farisaica ou essênia, pois a mesa de Jesus é um convite a todos, sem distinção: “Vinde, é chegado o Reino de Deus!” Nos relatos reconstituídos por Lucas, Deus não é patriota, é universalista!

Nessa escavação sobre o tipo de gente com que Jesus se sentava, é possível notar um antagonismo que evidencia o quanto a mesa de Jesus é imprevisível e, ao mesmo tempo, deslumbrante. Tal antagonismo e aparente paradoxo se dá no fato de Lucas citar que na mesa de Jesus - na mesa íntima - daqueles que acompanharam todo o seu ministério, havia, para a surpresa dos primeiros leitores do Evangelho, a presença de um zelote, Simão, ao lado de um publicano, Levi.

Para o leitor moderno é difícil compreender a dimensão representativa do encontro de duas classes tão distintas na mesma mesa. Tendo consciência disso, e a fim de situá-lo nos detalhes conflituosos entre esses dois grupos representados por Simão & Levi, mais tarde também chamado de Mateus, faz-se necessário mergulhar na história do século I e descobriremos de que lado cada um desses dois grupos estava e ocupava durante o período marcado pela dominação romana na Judeia dos tempos de Jesus, e quão significativa é a reconciliação e a comunhão entre ambos à mesa com Jesus.

LEVI, O PUBLICANO, CONVIDADO À MESA DA GRAÇA

No Evangelho de Lucas é curioso observar que três publicanos são mencionados e destacados e, cada um deles, encontrou misericórdia diante dos olhos de Jesus. Em

Lucas 19.2-10, lemos sobre Zaqueu: um publicano abastado e de destaque que ao entrar em contato com as Boas Novas se dispõe a abandonar a vida de exploração dos seus conterrâneos judeus e decide, por livre e espontânea vontade, restituir e distribuir seus recursos. Outro publicano é citado como exemplo de humildade a ser seguida, na parábola de Lucas 18.10-14.

O terceiro publicano a quem, por ocasião, daremos maior atenção, é Levi, o publicano odiado em seu posto de coleta, chamado por Jesus para ser um *talmidim* e, assim, sentar-se diariamente ao lado dos outros discípulos, acompanhando cada passo e ensinamento do ministério terreno de Cristo até a sua morte e ressurreição. Mas, afinal, o que de fato era um publicano?

Os publicanos eram uma classe de homens responsáveis pela coleta das taxas impostas pelos dominadores romanos, não só na Palestina, mas em todas as províncias do grande Império. *Telônes*, no grego, é a transcrição do nome latino por meio do qual eram designados os coletores de impostos para Roma, palavra composta de *telos* (imposto) e *oneómai* (comprar) (TOGNINI, 2009, p. 170)

Nos tempos apostólicos, a Palestina encontrava-se, em alguns lugares, submetida diretamente ao domínio imperial romano e, em outros, indiretamente. Entretanto, no que diz respeito à questão dos impostos, quer fossem entregues diretamente, quer indiretamente às mãos romanas ou aos herodianos (seus aliados), significava sempre e em todo caso sinônimo de pesados jugos e humilhação para a população judaica. Não é à toa que a questão fiscal foi a mais fomentadora de revoltas contra Roma, e os coletores de impostos passaram a ser vistos como os mais odiados entre os judeus.

Enéas Tognini (2009, p. 171) explica que romanos nobres (*equestres*) compravam o direito de arrecadar dinheiro em alguma região ou país anexado ao Império. Devido ao trabalho de coleta ser nada requintado, estes não arredavam o pé de Roma, mas, no conforto de suas moradias, enviavam ao país onde lhe competia arrecadar os tributos romanos recrutados das mais baixas camadas - os **portitores**. Era comum, também, recrutarem nativos do país tributário para essa tarefa vista como desprezível.

Levi é um desses nativos que, em algum momento da sua vida, foi convocado a fazer parte dos *portitores*. É curioso pensar que, embora sendo judeu, Levi optou por aliar-se a Roma na tarefa de oprimir o povo judeu por alguma explicação que os relatos de Lucas e dos outros evangelistas não contemplam. Nem o próprio Evangelho segundo Mateus (nome que significa “dádiva de Deus” pelo qual Levi passa a ser chamado por Jesus) relata esse pormenor. Os estudos de Tognini registram que: (2009, p. 176)

Havia em Roma o chefe dos publicanos. Era o chefe geral. Este determinava a taxa a ser cobrada em determinado país ao chefe dos ‘portitores’. Se o de Roma impunha 50 mil a um país, o chefe dos portitores dobrava a quantia para os seus subordinados, que por sua

vez tornava cada um a dobrar e assim sucessivamente. Daí a razão de serem conhecidos como ladrões e exploradores.

Interessante que na pregação de João Batista alguns publicanos arrependidos vão até ele para saber o que fazer, ao que João Batista os orienta a não cobrarem nada além do que lhes foi estipulado (Lc 3.12-13) corroborando a ideia de que, muitas vezes, os publicanos cobravam além do estabelecido para aumentar os seus lucros pessoais.

Aremis de Barros (2006, p. 112) registra que: “Mateus como coletor de impostos, estava incumbido de tributar tanto os comerciantes e pescadores que cruzavam o mar da Galileia quanto os demais transeuntes da importante estrada de Damasco”. A estrada de Damasco, também conhecida como *Via Maris*, percorria a longa costa da Palestina. Daí supor-se, provavelmente com grande credibilidade, o possível contato de Levi com os demais discípulos e com o próprio Jesus, antes mesmo de sua chamada, visto que a cidade de Cafarnaum, onde estava seu posto alfandegário, situava-se à margem desse importante caminho romano. (MORENO, 2020, p.3)

O posto fiscal de Levi, em Cafarnaum, era extremamente lucrativo para Roma devido ao fato de ser localizado em uma região fronteiriça, à beira de uma importante estrada quanto de um movimentado porto do mar da Galileia (OHLER e MENZEL, 2013, p. 297). O que fazia de Levi precioso aos olhos de Roma e, ao mesmo tempo, amplamente conhecido e detestado aos olhos dos judeus.

Havia, basicamente, três tipos de impostos romanos: 1) **Tributum magri**: aqueles que recaíam sobre propriedades; 2) **Tributum capitis**: que recaíam sobre pessoas; 3) **Vectgalia**: cobranças que abrangiam todos os demais ingressos do Estado. Foi o **Tributum capitis** que apareceu em discussão no contexto de Mateus 22.15-22, quando Jesus é provocado pelos fariseus se é ou não lícito pagar tributos a César diante de um contexto opressor e imperialista (BARROS, 2006, p. 114).

Entre as taxas que compunham os **Vectgalia**, estava aquela associada a Mateus, o **portorium**, um gênero de imposto relacionado ao trânsito de mercadorias pelo território ocupado por Roma, muito parecido com o que conhecemos hoje como pedágio ou alfandegário. Sendo assim, *telones*, o termo neotestamentário amplamente traduzido por publicano, aplica-se especificamente aos **portitores** (cobradores do imposto romano de trânsito e de fronteira chamado *portorium*), aqueles que exerciam a fase da cobrança concreta, do contato com a população local, sendo expostos aos olhares de inconformidade, estimulando novas rebeliões, e não os que ficavam em Roma aguardando a coleta tributal.

No capítulo 5, de Lucas, lemos que Jesus viu um publicano chamado Levi, sentado na coletoria, e disse-lhe: “Siga-me”. (v. 27), em latim: “Veni, sequere me” (expressão muito usada nas obras de arte medievais que retratam a conversão de Levi). O Evangelho registra que, imediatamente, sem retroceder, Levi levanta-se, deixa tudo e segue o Mestre.

Envolto nesse sentimento de novidade de vida, Levi promove um banquete a Jesus em sua casa com outros publicanos e pecadores. O capítulo registra que os religiosos fariseus, vendo isso, questionaram a legitimidade dos ensinamentos de Jesus, perguntando-se como ele poderia sentar-se em um banquete entre publicanos e gente tão sem valor, ao que Jesus responde: “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento” (Lc 5. 29-32).

Levi é prova viva, já no início da sua conversão, de que a mesa de Jesus acolhe a todos em amor, ação essa que certamente há de causar estranhamento e aversão a muitos religiosos moralistas apegados às tradições e métricas humanas de senso de meritocracia para a salvação.

É de imaginar que, devido à sua profissão, tida como profana e imunda pelos judeus, Levi não vivia uma vida piedosa ou se preocupasse em guardar os mandamentos. Com base no contexto sócio-histórico percebesse que Levi era inclusive um excluído religioso, proibido de entrar em qualquer sinagoga. Em seus escritos, Lucas deixa claro que os publicanos eram impopulares e ocupavam uma posição detestada pelos habitantes daquela região (Lc 19.4; 18.11). Para se ter noção, o Talmude judaico ensinava e incentivava que era certo enganar um publicano e mentir para ele justificando que era isso que merecia alguém cuja profissão baseava-se em extorquir os judeus dominados pelo Império. A esse respeito escreveu MacArthur (2019, p. 170):

Os coletores de impostos eram as pessoas mais desprezadas em Israel. Eram odiados e rejeitados por toda sociedade judaica. Eram considerados mais abjetos que os herodianos (judeus leais à dinastia iduméia de Herodes) e mais dignos de desdém do que os soldados romanos que haviam ocupado Israel.

Levi era um coletor de impostos, um **portitor** odiado, e os judeus que o conheciam certamente viravam o rosto desejando-lhe a morte, mas, contrariando toda lógica de exclusão humana, foi visto e chamado por Jesus exatamente quando exercia a profissão que lhe conferia os insultos de traidor da pátria. Isto prova que a graça de Jesus não age nas métricas estabelecidas pelas religiões, o famoso “fazer por merecer” não encaixa aqui, pois a dimensão do amor de Deus vai além e faz por nós o que jamais merecemos, nem em nossos melhores dias.

O olhar amoroso de Jesus (um judeu) fez com que aquele publicano abandonasse tudo para seguir alguém que ele ainda iria conhecer, mas que já sabia não ser um simples homem. Mateus, certamente, se viu indigno de tal vocação e seus passos atrás do Rabi de Nazaré representavam a gratidão de alguém que pela primeira vez não foi odiado, mas acolhido, amado e dignificado por um judeu. A inegável pecaminosidade de seu ofício não foi barreira para ser amado e chamado à mesa de Cristo. Isso é graça, pois supera em muito a Lei.

SIMÃO, O ZELOTE QUE ABANDONA A ARMA PARA PARTILHAR O PÃO

“Nenhum outro rei senão o Messias, nenhum outro imposto senão o destinado ao templo, nenhum outro amigo senão um zelote” (BARROS, 2006, p.116).¹⁴

Esse importante fragmento nos permite perceber a síntese da resistência dos zelotes à dominação romana: não ao rei, não aos impostos imperiais, não aos publicanos. A expressão “nenhum outro amigo senão um zelote” demonstra o quanto essa facção do judaísmo era separatista e se opunha a todos que aceitaram sem resistência a dominação romana, quanto mais aos publicanos, que eram vistos pelos zelotes como traidores que se venderam a Roma traindo seu povo, sua fé e seu Deus.

Os romanos, por sua vez, suportavam os judeus, visto como um povo extremamente propício a revoltas, cujo passado carregava lembranças de Judas Macabeu e inúmeros outros líderes judeus que tentaram de todo modo resistir às influências helênicas, mas que efetivamente fracassaram diante do expressivo poder bélico das legiões romanas, que esmagavam sem piedade todos que ousassem se opor aos seus interesses imperiais. Após inúmeros anos de embate e contexto hostil, Roma decidiu incorporar uma política de certo respeito religioso e permissão aos judeus para preservarem sua cultura e fé desde que pagassem pesadas taxas tributárias.

A grande maioria dos judeus, embora não estivesse nada feliz com essa situação, não encontrava outra forma de resistência a não ser esperar a vinda gloriosa do Messias e aceitar pagar as taxas de impostos a fim de preservar a sua existência como povo. Os mais inconformados treinavam em facções conhecidas como zelotas, a fim de se prepararem para novas revoltas, na esperança de um dia expulsar os romanos e trazer justiça por meio da força ao povo que há anos estava sendo escravizado e humilhado diante de impérios que se levantaram contra os judeus.

Por um lado, assim como os publicanos, havia judeus com inclinações mais moderadas frente às invasões, por serem favorecidos pela ordem estabelecida, tal como os saduceus, procedentes das antigas famílias aristocráticas, os ricos, os sacerdotes, e os oficiais do templo, que compreendiam a presença dos romanos na Palestina como portadora de grandes benefícios. Por outro lado, havia, também, os que interpretavam a lei mosaica de maneira mais rígida, e inspirados pelo espírito nacionalista formavam a resistência armada, com práticas de guerrilha contra a ocupação pagã. A esse respeito, registra Daniel-Rops: (1991, p. 56)

Pouco antes do nascimento de Cristo, um partido extremista emergia do grupo dos fariseus: eram os chamados zelotes, termo claramente derivado de zelo, ou antes de zelos,

14 Barros cita o “mote dos revolucionários zelotes”, estrofe, anteposta ao início de um poema, comumente utilizado pelos poetas como o ponto central de uma obra. Esse mote sintetiza a vida e missão de um zelote, e provavelmente era como uma oração diária a fim de não se esquecerem do lema de sua missão.

no grego original. Do ponto de vista religioso, eles não diferiam em nada dos fariseus; a despeito do que afirma Josefo, eles não se afastaram para formar uma ‘quarta tendência’, mas constituíam o que pode ser chamado de ala militante do farisaísmo: não reconheciam senhor algum senão Deus, e estavam dispostos a sofrer os mais espantosos tormentos em lugar de aceitar a autoridade humana.

Essa constatação demonstra que, a partir dos anseios de seus tempos, os zelotes se viam radicalmente incentivados por uma expectativa messiânica de um libertador guerreiro e de punho forte. A qualquer sinal de que esse possível Messias houvesse surgido, uma nova revolta se instaurava na tentativa de expulsar os romanos. Dessa forma, a Palestina era um barril de pólvora de revoltas, sempre a um fio de explodir. Todo novo procurador tinha que lidar com essa agitação esmagando levantes zelotas ou correndo o risco de ver multidões de judeus incitados a uma revolução armada. Daniel-Rops destaca que os zelotes eram conhecidos por “fazerem uma adaga curta chamada sica em latim e golpeavam com ela os que consideravam como infiéis e traidores, ainda mais do que os próprios romanos” (ROPS, 1991, p.56). A despeito desse estilo de revolução, também reforça o historiador Reza Aslan (2013, p. 29): “a guerra contra Roma não começa com o som estridente das espadas, mas com o ruído suave de um punhal sendo tirado da capa de um assassino”.

O historiador e teólogo André Daniel Reinke (2021, p. 354, 355) apresenta duas características das revoltas dos zelotas, um viés pacífico marcado por incentivo de boicote às cobranças imperiais, e uma outra vertente mais radical marcada pela violência propriamente dita:

Eles insistiam em algumas ações não violentas, mas bastante concretas, pregando, por exemplo, o não pagamento de impostos. Eram influenciadores que estimulavam as massas à sonegação dos recursos nacionais ao poder estrangeiro. O não pagamento de impostos resultava em forte reação. Roma respondia com repressão em diversos níveis: desde a ‘perseguição branda’, como a escravização de insubordinados, até a radicalização, com assassinatos seletivos, geralmente crucificando os líderes(...) Além das estratégias de resistência pacífica, havia situações de violência propriamente dita. A mais frequente delas era o surgimento do banditismo social, uma forma de rebelião típica de sociedades agrárias. Agiam como bandos de salteadores oriundos do povo comum, compartilhando com ele a mesma fé, razão pela qual muitas vezes eram exaltados pelo povo como campeões da justiça.

Comparando as revoltas e rebeliões dos zelotas é possível perceber que entre os grupos mais detestáveis por eles estavam os herodianos, que haviam se aliado aos invasores, e os publicanos, que pelo prisma dos sicários haviam se esquecido das suas origens e passaram a trabalhar para os opressores, lucrando às custas da opressão do seu próprio povo através do recolhimento de altas e pesadas taxas tributárias. Não é difícil

imaginar as diversas vezes em que os zelotes armaram emboscadas e ataques para prender ou matar publicanos, ações que eram vistas por eles como justiça e vingança contra os traidores da pátria. A despeito de Simão, comenta Aremis de Barros (2006, p. 136) sobre esse enigmático discípulo:

Traduções bíblicas, como as célebres Almeida e King James, nas listas apostólicas de Mateus 10.4 e Marcos 3.18, referem-se a Simão como o *Cananeu*, do grego *kananaios*, termo derivado não de Caná da Galiléia, mas do aramaico *Qannâ*, que significa ciúmes, zelo excessivo. O evangelista Lucas, ao contrário de Mateus e de Marcos, prefere identificá-lo pelo pelo sinônimo grego Zelote (Lc 6.15), por meio do qual o apóstolo é mais comumente apresentado.

Com base nessas fontes, chama muito a atenção a grande possibilidade de um dos discípulos de Jesus, Simão, o Zelote, ter pertencido a este partido extremista por algum tempo da sua vida (Lc 6.15; At 1.13). Lucas, em suas pesquisas para escrever tanto o Evangelho como Atos, faz questão de citar a inclinação político-religiosa de Simão em seus relatos sobre quem eram os doze homens selecionados por Jesus para um discipulado mais próximo e que sempre compartilharam a mesa com Jesus. Esse detalhe importante destaca que, entre as escolhas de Jesus, havia um com uma ambição muito específica: derrubar Roma por meio da força, da guerrilha, da luta armada, ainda que para isso fosse necessário morrer lutando.¹⁵

O fato de Simão receber esse título também pode sugerir que ele possuía um temperamento compulsivo e zeloso. De qualquer forma, em ambos os casos, Simão, certamente era alguém que odiava os publicanos e os considerava traidores dos preceitos judaicos, sendo nitidamente nula, do ponto de vista racional, a possibilidade de conviver harmonicamente com um cobrador de impostos. Sobre esse prisma comenta Reza Aslan: (2013, p. 65)

Muitos judeus na Palestina do século I se esforçaram para viver uma vida de zelo, cada um à sua própria maneira. Mas houve alguns que, a fim de preservar os seus ideais zelosos, estavam dispostos a recorrer a atos extremos de violência se necessário, não apenas contra romanos e as massas não circuncidadas, mas contra os compatriotas judeus, aqueles que ousaram se submeter a Roma. Eles foram chamados de zelotes.

Uma fonte importante a respeito dos zelotes é o conhecido historiador do primeiro século, Flavio Josefo (1992, p. 1101-1104), que descreve as quatro principais correntes do judaísmo nos dias de Jesus: Os **fariseus**: seguidores inflexíveis da lei e da tradição oral sendo considerados os fundamentalistas daqueles dias; os **saduceus**: tidos como liberais religiosos muito ligados a política do seu tempo; os **essênios**: celibatários que viviam no deserto e dedicavam-se a rituais de purificação e distanciamento social; e, por fim, os

15 Grande parte dos estudiosos das biografias apostólicas defende que Simão foi, de fato, por algum tempo, militante revolucionário da facção dos zelotes. Em respeito a esses pesquisadores e à tradição cristã também seguirei essa possibilidade ao longo da minha análise.

zelotes: que, segundo ele, dentre as quatro vertentes eram, sem dúvidas, os mais radicais, pois seguiam um claro objetivo de livrar-se da ocupação romana ainda que fosse necessário terrorismo, banditismo, guerra civil, emboscadas ou massacres em nome da libertação. Nos escritos de Josefo podemos ler sobre a origem destes extremistas nacionalistas:

Judas, o galileu, foi o fundador da quarta seita da filosofia judaica. Tais homens concordam, em todas as outras coisas com as ideias farisaicas, contudo possuem uma ligação inviolável com a liberdade e dizem que Deus é seu único Governante e Senhor. Também não se importam em morrer qualquer tipo de morte e nem fazem conta da morte de seus parentes e amigos, nem tal medo pode levá-los a chamar qualquer homem de senhor.

O líder que, segundo Josefo, teria inspirado o surgimento dos zelotes, Judas, o Galileu, é o mesmo citado pelo próprio Lucas em Atos 5:37: “Levantou-se Judas, o Galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos”. Este texto lucano faz menção à revolta judaica que teria ocorrido no sexto ano depois de Cristo, quando um grupo de radicais zelotes teriam se rebelado e usado a força para se opor ao imposto censitário. Josefo chama esse movimento de a “Quarta Filosofia”, justamente para diferenciar das outras três: os fariseus, os saduceus e os essênios. Entretanto, sobre a origem dos zelotes vale ressaltar a constatação de Reza Aslan (2013, p, 66):

Tais ideias já existiam muito antes de aparecer Judas, o Galileu. mas Judas foi talvez o primeiro líder revolucionário a fundir banditismo e fanatismo zelota em uma única força revolucionária, fazendo da resistência a Roma um dever religioso de todos os judeus. Foi a feroz determinação de Judas de fazer o que fosse preciso para libertar os judeus do jugo estrangeiro e limpar a terra em nome do Deus de Israel que fez da Quarta Filosofia um modelo de resistência zelosa para os inúmeros revolucionários apocalípticos que, algumas décadas mais tarde, uniriam forças para expulsar os romanos da Terra Santa.

Convictos de que estavam realizando a obra de Deus, os zelotes viam tais ações violentas contra Roma como a forma de ser fiéis ao monoteísmo judaico, afinal acreditavam que somente Deus tinha o direito de governar. Como bem nos lembra Reza Aslan (2013, p. 65): “ser zeloso ao Senhor era andar nas pegadas ardentes dos profetas e heróis do passado, homens e mulheres que não toleraram ninguém que não quisesse se associar a Deus, que não se curvaram a nenhum rei exceto o Rei do Mundo”. A esse respeito, também reforça MacArthur: (2021, p. 193): “Os zelotes estavam esperando um Messias que iria liderá-los na expulsão da ocupação romana e restaurar o reino de Israel em sua glória salomônica. Eram patriotas apaixonados, prontos para morrer a qualquer instante por aquilo que criam”.

Diante de tais constatações, surgem algumas importantes perguntas: como será que Simão sentiu-se após ser chamado por Jesus, ao descobrir que um dos doze com quem compartilhava a jornada era um publicano? Qual teria sido a primeira reação de Simão quando teve que sentar e comer ao lado de alguém que antes ele buscava matar e chamava de traidor? Haveria o zelo de Simão cedido espaço a uma nova visão de mundo?

A mesa de Jesus e os relatos do Evangelho inclusivo de Lucas apontam que sim! Eles caminharam juntos e cearam juntos na nova dimensão do Reino de Deus que perpassa todas as barreiras antes intransponíveis.

A MESA RECONCILIADORA: O PARTIR DO PÃO QUE UNE CORAÇÕES

Quando chegou a hora, Jesus e os seus apóstolos reclinaram-se à mesa. E disse-lhes: “Desejei ansiosamente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer. Pois eu lhes digo: Não comerei dela novamente até que se cumpra no Reino de Deus”. Recebendo um cálice, ele deu graças e disse: “Tomem isto e partilhem uns com os outros. Pois eu lhes digo que não beberei outra vez do fruto da videira até que venha o Reino de Deus”. Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim”. Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês. (Lc 22.14-20)

A cena da última ceia, descrita em Lucas, capítulo 22, oferece detalhes importantes sobre a mesa da graça. Lucas informa que Jesus e seus discípulos “reclinaram-se” (gr. *anéspezen*), como quem se apoia no braço esquerdo em volta de uma mesa. Lucas é o único escritor do Novo Testamento a usar essa palavra grega (7.36; 9.14,15; 14.8; 24.30), que conforme o contexto da época tendia a se referir ao ato de inclinar-se sobre uma mesa baixa e disposta em formato de “U”.

Na época, não se usavam cadeiras na Palestina. As mesas eram dispostas em forma de U, e os comensais se reclinavam em divãs apoiados sobre o braço esquerdo, de modo que os pés ficavam voltados para fora. Para os líderes judeus, qualquer pessoa que não cumprisse todas as regras e rituais de purificação do talmude era considerados indignos de participar da mesa, o que inclui várias classes de pessoas: coletores de impostos, pastores e, naturalmente, prostitutas. (DEIROS, 2021, p. 521).

Imagine a preciosidade desse momentos, Simão e Levi, mesmo com todas as suas diferenças, estão sentados ao lado de Jesus e dos demais discípulos (inclusive aquele que seria o traidor), ambos partilhando a possibilidade de se olhar nos olhos e ouvindo, simultaneamente, no mesmo tom, a frase tão marcante nos evangelhos: “isto é o meu corpo” (gr. *toûto estín to sôma mou*), observam atentamente Jesus pegando o pão, dando graças, partindo o pão e distribuindo em amor gracioso a todos presentes, reforçando:

“isto é meu corpo dado em favor de vocês”, independentemente dos lugares que vocês ocupavam antes.

De igual modo, Jesus pega o cálice (gr. *potērion*) que diz respeito a um pequeno recipiente, comumente feito de argila, que era usado especificamente para servir vinho, e diz aos ouvidos atentos dos doze discípulos: “Este cálice é a nova aliança do meu sangue” (gr. *toũto to potērion hē kainē diathēkē en tō haĩmati mou*). A nova aliança já era prefigurada como sombra no Antigo Testamento (Jr 31.31-34; Ez 36.22-36; Zc 9.11), e aqueles homens sabiam a que Jesus estava se referindo quando usou intencionalmente essa expressão. Entretanto, agora, à mesa com eles, Jesus traz luz e vida sobre textos da antiga aliança que permaneciam obscuros em seus dias na terra. A nova aliança está agora disponível ao alcance de todos, sem restrições!

O apóstolo Paulo, que tanto influenciou a visão de Lucas sobre essa questão da abrangência da redenção em Cristo, deixa registrado em sua carta aos Efésios 2.13, 14: “Em Cristo Jesus, vocês que antes estavam longe, foram aproximados mediante o sangue de Cristo. Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade”. Note que a morte e ressurreição de Cristo é a ponte que possibilita a reconciliação entre judeus e gentios, mulheres e homens, romanos e povos subjugados, zelotes e publicanos, pois, por meio do sangue da nova aliança, argumenta Paulo, “tanto nós [judeus] como vocês [gentios] temos acesso ao Pai, por um só Espírito. Portanto, vocês não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2.19). Em outras palavras, Paulo está descrevendo a abrangência e pluralidade da mesa da nova aliança, a mesa da graça que reúne, assentados juntos, a grande família de Deus.

Lucas, consciente da lente da graça que Paulo anunciava, escreve tanto o Evangelho como o livro de Atos apontando aos seus leitores que Deus está convidando todos e todas a fazerem parte dessa grande família de Deus. É por isso que Lucas concentra grande parte da sua obra e seus esforços, enquanto historiador, em averiguar fatos, ouvir relatos de testemunhas oculares e escrever sobre os diferentes personagens que sentam à mesa com Jesus e provam a dimensão da salvação universal.

Daniel Reinke (2021, p. 372) destaca um fato importante sobre o ministério reconciliador e amoroso de Jesus ter encontrado seu maior esclarecimento na semana pascal. Segundo o historiador, era exatamente na Páscoa que os conflitos entre dominador e dominados se acentuavam. Importante ter em mente que, na memória coletiva do povo hebreu, o significado da libertação do Egito pulsava ainda mais forte nesse tempo de escravidão sob uma potência estrangeira. Certamente, por isso, a Páscoa era uma festa na qual as autoridades romanas ficavam ainda mais alertas colocando a infantaria de prontidão contra possíveis motins, ao passo que, a presença expressiva de judeus em Jerusalém acendia no coração dos mais revolucionários o potencial de libertação.

É exatamente nesse cenário que Jesus, contrariando as expectativas messiânicas radicais, se revela como o servo sofredor que promove reencontro, perdão e reconciliação vertical e horizontal, não guerra. A páscoa aponta para a simbologia do surgimento de uma nova nação liberta e fundada no sangue do cordeiro de Deus.

(...) na última noite, Jesus voltou a usar símbolos para demonstrar o que estava fazendo: reunir seus apóstolos, as doze tribos redivivas, para uma refeição. Nada de explicações teológicas, apresentação de doutrina ou invocação de profecias. Jesus apenas comeu com eles o cordeiro imolado. A escolha da Páscoa não foi aleatória - estava na hora de um novo êxodo! Jesus posicionou a sua experiência exatamente nessa festa e embutiu nela um novo significado, tomando o pão e o vinho, dois elementos carregados de simbolismo: o pão é produzido a partir do grão de trigo morto e triturado, e o vinho provém das uvas esmagadas, apontando para um novo sacrifício, fundador de uma nova nação. (REINKE, 2021, p.372)

Nessa nova nação, todos podem se achegar à mesa por intermédio do sangue de Cristo, visto que na nova aliança “não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos são um em Cristo (Gl 3.28), possibilitando a reconciliação, antes improvável, mediante o perdão vertical (humanidade e Deus), as barreiras que antes separavam figuras tão divergentes como um zelote e um publicano agora cedem lugar à união e ao perdão horizontal, a fim de que, de fato, todos sejam um, como o Pai e o Filho são um. Isso é a expressão viva da mesa da graça de Deus unindo gente diferente e, outrora divergente, em torno de Cristo Jesus.

Não importa se somos conservadores ou progressistas, de direita ou de esquerda. O Evangelho acontece quando Mateus, o publicano, colaborador da força de ocupação, se encontra com Simão, o zelote, o militante armado, que se opõe ao Império. Duas posturas teológicas e ideológicas opostas, humanamente irreconciliáveis e com um potencial enorme de conflito e ódio. No entanto, santa companhia do Senhor Jesus Cristo, a teologia e ideologia se relativizam. Os discípulos se desarmam e tornam-se companheiros de mesa e parceiros de missão.¹⁶

Lucas faz questão de registrar que a escolha desses doze homens que participaram da inauguração da mesa da graça não foi um mero acaso, pelo contrário, após uma noite inteira de oração, direcionado por Deus Pai, Jesus escolheu doze discípulos (Lc 6.12-16), ou seja, a escolha dos doze não foi precipitada ou um tiro no escuro, Jesus estava plenamente consciente de quem eram aqueles homens, sendo citados ao lado da caminhada com o Messias até a consumação de sua missão e obra, estando a todo tempo e em momentos diferentes, com pessoas diferentes, compartilhando a mesa com Jesus.

16 LUDOVICO, Osmar. **Não importa se somos conservadores ou progressistas**. São Paulo, 09 nov. 2020. Instagram:@osmar.ludovico. Disponível em:<https://www.instagram.com/p/CHYY2RbjhJR/>. Acesso em: 07 de out. 2022.

Dentre os doze discípulos que sentam diariamente a essa mesa da graça com Jesus é provocativo perceber que dois dos escolhidos, quando comparados entre si, causam um nítido paradoxo: Levi, lembrado por seu passado como publicano, é listado ao lado de Simão, o Zelote que, como mencionado anteriormente, ao contrário dos publicanos que já haviam de certo modo traído a esperança judaica e se aliado aos opressores, havia feito parte de um grupo lembrado pelo seu fervor e zelo pela tradição e a busca guerrilheira de expulsar os romanos a fim de redimir Israel das mãos opressoras. Uma contradição de interesses tão evidentes, mas que não foi empecilho ao alcance da graça redentora de Deus.

Em torno de uma mesa, muita coisa acontece, para o bem ou para o mal: está lá o pão ou não está; estão lá as pessoas que precisam do pão, ou não estão; há mesas que acumulam o pão, há mesas com falta de pão; há acesso à mesa para todas as pessoas ou há barreiras para o acesso; há mesas que promovem a comunhão entre as pessoas e há mesas em que pessoas são discriminadas. (NETO, 2010, p. 307)

Na mesa da graça, o cálice, que era apenas um, foi compartilhado, e os que beberam foram muitos. A respeito disso, Deiros (2021, p. 763), defende que a nova aliança só faz sentido quando se vive de maneira solidária e comunitária, por isso esse “sangue” (gr. *haímati*) que expressa o significado sacrificial da entrega de Jesus é o elo que torna possível uma nova comunidade da aliança, o Novo Israel, onde todos e todas são bem-vindos de modo igualitário.

Desde o começo de seu evangelho (Lc 2.32; 3.6) até a mesa da nova aliança, Lucas torna evidente sua ênfase universalista. Em cada passo da vida terrena do Verbo que se fez carne vemos o objetivo claro de seu ministério messiânico: a redenção integral de toda humanidade (Lc 4.26-27; 7.9; 9.51-56; 10.30-37; 13.29; 17.11-19; 21.24; 24.47).

Nesse ponto, é importante lembrar que Jesus radicalmente derruba a mesa gananciosa, separatista e elitista dos cambistas no templo (Lc 19.45-47), homens que criavam uma barreira entre a aproximação de Deus permeada pelo dinheiro e altas taxas de câmbio da moeda judaica, a fim de prover os únicos animais que os sacerdotes corruptos aceitariam para holocausto.

Os cambistas desempenharam um papel vital no Templo. Por uma taxa, eles trocam moedas estrangeiras pelo shekel hebraico, a única moeda permitida pelas autoridades do Templo. (...) Com a nova moeda na mão, você agora está livre para examinar as gaiolas que foram as paredes periféricas e comprar o seu sacrifício: um pombo, uma ovelha - depende do peso que você tem no bolso. (ASLAN, 2013, p.30)

Diante desse cenário corrupto, e de uma estrutura religiosa opressora dos pobres e necessitados, Jesus não só derruba as mesas separatistas, mas vai além, pois em superabundante graça reconstrói no lugar da exploração e da separação: a **Mesa da Graça**, onde não se tolera mais o “pagar” para obter assento, nem mesmo vestir-se de hipocrisia

para parecer santo e apresentável, pelo contrário, essa mesa é inclusiva e universal, além de ser realista em demonstrar que todos, exatamente todos, necessitam comer e beber do pão da nova aliança para fazer parte do grande e abrangente banquete de Deus.

Levi e Simão representam dois extremos de perfis sentados nessa exata mesa com Jesus, dois passados que seguiram posicionamentos extremamente antagônicos frente às imposições romanas: de um lado, um aliado do governo e do outro um guerrilheiro à espera de um golpe armado; um homem que vinha sendo beneficiado financeiramente pelos impostos e, do outro lado, um homem que insistia em jamais pagar impostos que seriam usados para reforçar o exército inimigo e financiar novas incursões territoriais para expandir um império pagão, politeísta e nitidamente antijudeu.

É nesse cenário que somos provocados a pensar: como Jesus conseguiu unir na mesma mesa, um zelote e um publicano? De que forma ele conseguiu convencer que arquiinimigos poderiam reconciliar-se e cear juntos a ceia da Nova Aliança do sangue de Cristo? Qual mensagem o Nazareno carregava que fez com que um publicano e um zelote abandonassem, ambos, os seus passados e seus projetos para seguir um novo horizonte chamado Reino de Deus? Minha hipótese é: o amor ágape! As pessoas que dividiam a mesa com Jesus não só ouviram falar de um amor que supera todas as limitações humanas, mas provaram desse amor e o viram encarnado: amando e transformando pessoas indignas em “filhos de Abraão” (gr. *huios Abraám*). Para surpresa de muitos legalistas, foi exatamente assim que Cristo denominou um dos homens mais detestados do seu tempo, Zaqueu, o traidor coletor de impostos. A respeito dele afirmou Jesus “Hoje, veio a salvação a esta casa, pois também este é *filho de Abraão*. Porque o Filho do Homem, veio buscar e salvar o que se havia perdido” (Lc 19. 9-10).

Todos à mesa com Jesus possuíam algo em comum, provaram o sabor de serem amados, e viram compaixão no olhar do Messias quando se perceberam indignos de tal amor. Após essa metanoia e conversão foram convidados a tratar o próximo de semelhante modo: “Com isso todos saberão que são meus discípulos, se vocês amarem uns aos outros” (Jo 13.35).

Lucas é genial em demonstrar como a mesa de Jesus é plural e inclusiva, nada previsível e super provocativa. Lucas apresenta uma mesa da graça onde todos são igualados como dependentes do amor de Deus, inclusive o publicano e o zelote. Na caminhada com Jesus, ao mesmo tempo em que o publicano é convidado a abandonar a corrupção das cobranças injustas, o zelote também é convidado a baixar a sua *sicar* e cingir-se das bem-aventuranças, passando a viver a cultura do Sermão do Monte, onde até o inimigo deve ser amado:

Se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais tornar

a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto. Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus. Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso. (Lucas 6.32-36)

Nesse prisma, defendo que a presença de Simão, o zelote, juntamente com a de Mateus, o cobrador de impostos, sentados ao lado, juntos, à mesa de Cristo, é a expressão mais provocante de que, no Reino de Deus, as barreiras que nos separam precisam ceder lugar à reconciliação do banquete da graça, pois, só assim saberemos de fato o que é ser parte da grande e abrangente família de Deus.

BRASIL E AS MESAS POLARIZADAS DE NOSSO TEMPO

No momento em que escrevo esse artigo (2022), o Brasil encontra-se extremamente dividido em dois projetos políticos que se posicionam diante da população como irreconciliáveis entre si, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) chegam no segundo turno da eleição presidencial, que já é considerada a mais acirrada e polarizada da história do Brasil. Diante desse cenário, parcela significativa de cristãos conservadores se identificam mais com as falas e postura de Bolsonaro e, automaticamente, posicionam-se rigorosamente contra cristãos mais progressistas, que, por sua vez, em menor ou maior grau, viram no Lula a possibilidade de serem representados em oposição ao fenômeno que ficou conhecido como *bolsonarismo*.

Ao longo deste ano, o clima do Brasil politizado ficou tão hostil que as redes sociais são inundadas a cada segundo com discursos e mais discursos de cristãos excluindo aqueles que pensam diferente da possibilidade de se sentarem juntos à mesa. A frase “cristão de verdade não vota em...” nunca foi tão citada como em nossos dias, com o interesse de deslegitimar o outro e desqualificar quem votar no representante político ou pauta política oposta. O discurso sutil de “cristão que é cristão não faz isso ou aquilo, apoia isso ou aquilo” evidencia um cenário de ódio e um ciclo vicioso de ofender qualquer um que pensa fora das caixas ideológicas chamadas grosso modo de “direita” ou de “esquerda”, o que potencializou um cenário onde não existe uma mesa de Cristo, pelo contrário, existem duas ou mais mesas de projetos ideológicos que buscam encaixotar “deus” na “minha mesa”, e excluí-lo da mesa do outro.

Diante desse cenário que enfrentamos, pergunto-me se o Evangelho que conseguiu reconciliar Simão (o zelote) ao lado de Levi (o publicano) já não tem mais a mesma relevância em nossos dias tal como teve no primeiro século, ou se algo de fato mudou e precisa ser resgatado no coração de quem carrega a extensão de ser um seguidor de Cristo. A intensidade da exclusão alcançou tão grande patamar que dias atrás foi possível

acompanhar notícias de pastores que se recusaram a servir a ceia a cristãos que votaram na esquerda, como quem diz: “A mesa de Jesus só acolhe cristão de direita.”¹⁷

Tornaram-se comum notícias de pessoas que por não apoiarem o projeto político de poder representado por Bolsonaro se viram até impossibilitadas de receber uma cesta básica¹⁸, o que, em última análise, representa que quem pensa diferente do meu olhar político-religioso merece passar fome a menos que passe a pensar igual a mim. Onde está o Evangelho da mesa da Graça nisso? Onde estão os ministros do ministério da reconciliação?

E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano. (...) Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação. (2 Coríntios 5.14-19)

Paulo, em sua segunda carta aos coríntios, nos lembra que somos agentes da reconciliação de Deus no mundo, não da exclusão. As obras da separação, da inimizade e do ódio são frutos do inimigo das nossas almas que desde a antiguidade vem agindo no mundo a fim de perpetuar a separação vertical (homem-Deus) e a separação horizontal (humanidade consigo mesmo). Nós, porém, como ministros do Evangelho da Reconciliação, devemos ser os que vão pelos becos, praças e ruas anunciando a todos e todas o convite para o banquete abrangente da mesa da graça (Lc 14.16-23). Dos nossos lábios deve-se ouvir “ainda há lugar” (Lc, 14.22), e não expressões excludentes como: “você não é bem-vindo aqui nessa mesa”, posicionamento antagônico ao evangelho, pois constrói muralhas de separação ao invés de pontes de reconciliação.

Lamentavelmente, em agosto deste ano, viralizou também um vídeo em que um pastor da Assembleia de Deus afirma que os membros da sua igreja que votaram no Lula serão proibidos de tomar a Santa Ceia do Senhor. Envoltos nesse cenário da polarização, o pastor Rúben Oliveira diz: “Eu ouço crentes dizendo: vou votar no Lula. Você não merece tomar a ceia do Senhor se você continuar com esse sistema”, e ameaça, “se eu souber de um crente membro dessa igreja que votou nesse infeliz, eu vou disciplinar”.¹⁹ Esse discurso

17 Na matéria do link a seguir é possível rememorar alguma das falas mais tristes e anti-cristãs (ditas por cristãos) afirmadas ao longo das eleições de 2022: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/10/19/eleicoes-2022-pastores-fazem-pessao-por-voto-e-ameacam-fieis-com-punicao-divina-e-medidas-disciplinares.htm>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

18 Bolsonarista humilha mulher que declara voto em Lula ao doar cesta básica: “não tem mais marmitta”. Ponto de Pauta. 11 de setembro de 2022 (0,33 min). Disponível em: <https://pontodepauta.com/2022/09/11/bolsonarista-humilha-mulher-que-declara-voto-em-lula-ao-donar-cesta-basica-nao-tem-mais-marmitta-ajude/>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

19 Pastor proíbe fiel eleitor de Lula de tomar Santa Ceia. Uol, 15 de agosto, 2022 (1,52 min). Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/videos/?id=pastor-proibe-fiel-eleitor-de-lula-de-tomar-santa-ceia-04024D1A396AE0817326>. Acesso em: 03 de novembro de 2022.

de “detentores do sagrado”, “donos de quem pode ou não se aproximar de Deus” é o mesmo que saía da boca dos fariseus do primeiro século, ao questionarem os discípulos o porquê Jesus sentava-se à mesa com publicanos e pecadores (Lc 5.30; Mt 9.11).

Na contramão desse pensamento segregacionista, a mesa do Evangelho da Graça, tão bem apresentada por Lucas em cada página da sua narrativa sobre o Deus que se fez carne e habitou entre nós, combate diretamente ao males de inimizade do nosso tempo e cirurgicamente apresenta a relevância da mesa de Jesus em torno das quais as pessoas mais diferentes e plurais podem se reunir para saciar a fome de pão e sede de comunhão, um espaço conciliatório que propicia a desconstrução das barreiras sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas com vistas à reconciliação universal e abrangente.

Ao lermos atentamente o Evangelho de Lucas somos convencidos de que a mesa da Graça é amplamente acolhedora! Nessa mesa, não tem direita ou esquerda, o único partido é o “partir[do] pão” e o cálice sacia a sede existencial de todos. Aqui, nesta mesa, todos são igualmente amados e dignificados pelo Senhor do banquete - o Pai de Amor - que nem mesmo ao traidor negou o pão (Lc 22.19-24).

Trazer à memória a pluralidade e compaixão presente na mesa de Jesus pode servir de remédio à maneira tendenciosa de sempre tentarmos manter por perto somente quem concorda com nossa visão de mundo. As comunhões de mesa de Jesus apontam o caminho da desconstrução das barreiras, “pois ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade” (Ef 2.14), para que os benefícios do Reino de Deus não sejam particularizados ou monopolizados, pelo contrário, sejam partilhados em amor.

Lucas 13.29 registra que “muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e tomarão lugares à mesa do reino de Deus”. Cristo prefigura, nas relações interpessoais, a realidade do tempo vindouro, a mesa com os publicanos e pecadores é a materialização da imagem do Reino de Deus: um lugar aberto para todas as pessoas, indiscriminadamente. Essa expectativa escatológica deve iluminar o nosso presente tempo mesmo diante do caos polarizado do Brasil, levando-nos a realizar eventos em que essa esperança reconciliatória da mesa da Graça seja sinalizada concretamente: promovendo, no dia a dia, no chão da vida, comunhões de mesa aberta, de braços abertos e de coração aberto - ao outro - que também é um de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos ceder a polarização contemporânea e excluir pessoas que carregam idealizações e inclinações diferentes das nossas. Por mais constrangedor e paradoxal que seja, é preciso enfrentar o fato de que Jesus não excluiu da mesa mesmo quem um dia pegou em armas e na ignorância das suas convicções partidárias, radicalmente disse:

“Publicano bom, é publicano morto!” Ao mesmo tempo, precisamos também lembrar que Jesus não excluiu da mesa quem um dia esteve em aliança com o Império corrupto e subjugador do seu tempo, antes, a todos e todas chamou por intermédio da graça a provarem uma novidade de vida, onde o inimigo passa a ser amado e dignificado como amigo e as relações de paz são restabelecidas.

Simão, o zelote e Levi, o publicano são personagens bíblicos que provam que não há limites a graça de Deus e, que à mesa com Cristo: a hostilidade cede lugar a comunhão, o ódio cede lugar ao amor, a distância se converte em proximidade, os interesses divergentes são superados pela paz que excede todo entendimento, pois a partir do momento em que sentamos à mesa com Cristo e provarmos da ternura do seu amor, somos convocados a nos identificarmos como membros da grande família de Deus, sem distinção ou partidatismo.

Que possamos agir como pacificadores e ministros da reconciliação, na contramão da exclusão e polarização tão notória no Brasil contemporâneo, a fim de preservarmos a verdade bíblica veemente reforçada no Evangelho de Lucas: a mesa da Graça é abrangente, plural e universal: Vinde todos! É chegado o Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

- ASLAN, Reza. **Zelota: a vida e época de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BARROS, Aramis C. **Doze homens, uma missão**. São Paulo: Hagnos, 2006.
- DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- DE CESAREIA, Eusebio. **História eclesiástica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2021.
- DE ASSIS, Jhonata Santos; DAMACENA, Romeu Vieira. A porta, o banquete e os perdidos. In: **Revista Summae Sapientiae**, v. 3, n. 1, p. 185-216, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.53021/summaesapientiae.v3i1.75>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.
- DEIROS, Pablo A. **Lucas: o evangelho universal**. São Paulo: Vida, 2021.
- GARDNER, Paul (Ed.). **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico de Lucas**. Londrina: Penkal, 2022.
- HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.
- JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus: obra completa**. São Paulo: CPAD, 1992.
- LIÃO, Irineu. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.
- MACARTHUR, John. **Doze homens extraordinariamente comuns: como os apóstolos foram moldados para alcançar sucesso em sua missão**. 2.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- MORENO, Juan Manuel Martín. Geografía de la Tierra Santa. **Mercaba.org**. Espanha: 2020. Disponível em: <https://mercaba.org/JM/Cursos/Esser/Geografia/geografia.htm>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.
- NETO, Rodolfo Gaede. Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus. In: **Estudos Teológicos**, v. 50, n. 2, p. 306-318, 2010. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/104. Acesso em: 16 de novembro de 2022.
- OHLER, Annemarie; MENZEL, Tom. **Atlas da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2013.
- REINKE, André Daniel. **Aqueles da bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.
- TOGNINI, Enéas. **O Período Interbíblico: 400 anos de silêncio profético**. São Paulo: Hagnos, 2009.